

GÊNERO E SUAS INTERSECÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Claudia Regina Nichnig

Doutorado em história Udesc 2024 e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas 2013

Atualmente Pós doutoranda em História PPGH-UFSC

E-mail: claudianichnig@gmail.com

Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski

Doutora em História. Professora adjunta do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina e professora do Mestrado Profissional de

História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande

E-mail: dulceli.estacheski@ufms.br

Jorge Luiz Zaluski

Doutor em História pelo Programa de Pós Graduação em História, Udesc. Professor adjunto do curso de História e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da

Universidade Federal de Sergipe – UFS

E-mail: jzaluski@acedemico.ufs.br

Estudos de Gênero e Ensino de História são duas áreas do conhecimento que propuseram muitas inovações na construção do saber histórico. Já consolidadas em muitos espaços, sobretudo acadêmicos, o avançar dos estudos permite rever e construir novas epistemologias nesses dois campos e estabelecer diálogos tão necessários tanto para as pesquisas como no ensino. As pesquisas de gênero em uma perspectiva histórica nos auxiliam em compreender distintos processos históricos em que gênero atua como constituinte do tecido social formado a partir de relações sociais generificadas. Contudo, novos olhares sobre o assunto nos instigam a perceber outras marcações sociais que interseccionam e agem (como são atuantes) nos sujeitos, configurando o contexto histórico em que vivem.

Ensinar história exige observar e compreender a movimentação desses processos e, junto da construção do conhecimento histórico a partir do olhar interseccional, podemos pensar historicamente sobre as transformações sociais, suas rupturas e permanências até o tempo presente. Nesse sentido, ensinar sobre o tempo histórico a partir de uma perspectiva interseccional é propor a compreensão sobre a pluralidade de sujeitos e tensões que atuam na configuração social, mas, sob a intensão de intervenção, propor novos futuros a partir das especificidades observadas.

A relevância dos estudos de gênero e atenção ao – a partir do - olhar interseccional está contemplada nas pesquisas reunidas neste dossiê. São trabalhos de fôlego, que utilizam de fontes diversas a partir de problemas que despertam a atenção para distintos momentos do passado e, por vezes, de provocações que insistem no presente. De tal modo, os artigos que integram “Gênero e suas intersecções para o ensino de história”, possuem como ponto comum experiências que partem de inquietações sobre exclusões, violações de direitos ou da ausência deles, em que os estudos de gênero de forma interseccional, reforçam ainda mais a importância das pesquisas sobre o tema e de um ensino de história que auxilie na constituição de futuros possíveis de serem vividos. Assim, junto de distintas fontes históricas, as investigações intencionam na problematização do passado e instigam para a construção do conhecimento histórico junto da problematização de Livros Didáticos; Propostas Pedagógicas; Legislações; Literatura; Narrativa de intelectuais Negras; Currículo e Didática da História.

Nesse percurso investigativo, “*Mulheres negras no ensino de história: interseccionalidade e representatividade a partir da obra “Quando me descobri negra” (2015)*”, Fernanda Martins da Silva Rosiane Pereira Viscovini, ao partirem da análise da obra em destaque, de autoria de Bianca Santana, problematizam sobre as distintas formas de discriminação, em especial as sofridas por mulheres negras. Racismo que se intersecciona junto de classe e gênero. Com base no estudo, as autoras apontam uma proposta de descolonialidade do pensamento sociocultural e histórico na medida que enfatizam o fortalecimento da construção de uma identidade feminina negra, a partir do uso de literatura no ensino de História.

Em diálogo com a pesquisa, “*Violência doméstica em Quarto de Despejo: uma proposta de ensino de história para a Educação de Jovens e Adultos*”, de Joana Vieira Borges, Bruna Busnello e Roberto Evaldo Wiggers, levantam reflexões de parte das atividades da disciplina de Estágio Supervisionado de História, desenvolvidas da Universidade Federal de Santa

Catarina (UFSC), em 2023. Interessados em demonstrar possibilidades da literatura como fonte de análise, tomaram o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960), de Carolina Maria de Jesus, como fonte e metodologia de ensino para problematizarem sobre a violência doméstica contra as mulheres em uma perspectiva histórica.

Nesse movimentar investigativo, Elenice de Paula toma a investigação da literatura como forma e possibilidade de analisar o pensamento social da escritora Conceição Evaristo, junto da observação das obras Olhos D’Água (2014) e, dos romances Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2006), em uma perspectiva interseccional. Desse modo, “*(Sobre)vivência na história e literatura: as intersecções entre gênero, raça e classe e os desejos de futuro nas narrativas de Conceição Evaristo*”, levanta investigações, por meio das histórias narradas, de como as personagens exibem cenários sociais dos quais nos auxiliam para a leitura e compreensão do mundo em que, segundo a autora, são primordiais para a aprendizagem histórica.

Com provocações similares, “*Por uma educação das relações de gênero e étnico-raciais: intersecções possíveis para pensar os discursos curriculares no ensino de história*”, Hellen Pabline Leal Conceição e Joseanne Zingleara de Soares Marinho, ao partirem do interesse da necessidade e possibilidades de promover uma educação antirracista, destacam como o currículo, enquanto um documento, é atravessado por discursos e intencionalidades, que constroem noções de humanidade. Dessa maneira, a investigação intenta e demonstra a necessidade e possibilidades de um currículo, em especial, de um ensino de história que seja sustentado em uma proposta antirracista.

Com provocações sobre os discursos curriculares, Alcione Aparecida da Silva e Marcos Cesar Danhoni Neves, em “*Narrativas esquecidas e reconstrução do passado: a Didática da História como ferramenta de (re)existência diante da invisibilidade imposta pela história oficial à História Pública, de gênero e interseccionalidade*”, problematizam como os modelos curriculares proporcionam uma universalização da história, em especial do apagamento das mulheres na história. Os/as autores/as destacam a importância da Didática da História e da História Pública como ferramentas para reconstruir narrativas e promover a (re)existência diante dessa invisibilidade imposta às mulheres.

Ensino de História, História Pública e Estudos de Gênero sustentam “*Favos de resistências: uma experiência singular de um projeto educativo sobre Gênero e História Pública*”, de Drieli Fassioli Bortolo e Cyntia Simioni França. Junto da problemática da violência em uma perspectiva de gênero, as autoras utilizam de narrativas de estudantes 1º e 2º Ano do Ensino Médio, a fim de produzir conhecimento histórico-educacional pela via da autoridade compartilhada. As experiências estudantis são destacadas como potencializadoras para a construção das narrativas e debates para um ensino contra as violências de gênero em todo o espaço escolar.

Em, “*Teorias feministas e a didática da história no contexto dos 60 anos do golpe civil-militar de 1964: intersecções e diálogos interdisciplinares*”, Nashla Dahás, a partir da compreensão da Didática da História, como ponto de inflexão/reflexão sobre os termos básicos do ensino-aprendizagem, praticados ao menos nos últimos 30 anos sobre o ensino de assuntos sobre o golpe de 1964, assim como da necessidade de discutir sobre o assunto, dado as manifestações negacionistas, exhibe em sua reflexão, como os estudos de gênero atravessam contribuições à historiografia, e, como destaca a autora, “como pode conduzi-las na direção da ampliação da consciência histórica de jovens estudantes da educação básica e do ensino superior a respeito da ditadura e da memória histórica da violência e do autoritarismo no país”.

Com provocações ao ensino de história, Andréa Mazurok Schactae, em, “*A Revolução dos Guerrilheiros em Cuba: um estudo de gênero e imagens*”, a partir da orientação dos estudos sobre a utilização das imagens como fontes históricas e da categoria gênero, junto dos conceitos de representações e de masculinidade hegemônica, perpassa sobre os materiais didáticos cubanos e sustenta provocações sobre as masculinidades narradas nos manuais junto das fotografias que exibem a narrativa e imagem de guerrilheiros que participaram na revolução.

Por fim, Cláudia Regina Nichnig e Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski, em, “*É preciso romper com o silenciamento: a Lei 6060/2023 e o ensino de história das mulheres no Mato Grosso do Sul*”, perpassam pelo contexto político e evidenciam como a legislação que inclui a obrigatoriedade do Ensino de História das Mulheres no ensino da rede estadual de Mato Grosso do Sul, identificam como essa lei dialoga com reivindicações de movimentos sociais, de mulheres e feministas. Dado o potencial dessa legislação e seus impactos no ensino, as autoras observam como o tema tem sido pensado, problematizado e implementado no estado.

Para tanto, como mencionado no início deste texto, o aprimoramento teórico e metodológico dos estudos de gênero tem contribuído cada vez mais para novas investigações históricas. De reivindicações do passado que nos servem para análises que trazem contribuições para o ensino de história, discussões recentes, como as relativas ao Projeto de Lei 2.499/2024, conhecida como a “Pl do Estupro”, ao mesmo tempo que, mais uma vez tenta silenciar as meninas/mulheres e, atingem de forma negativa muitos dos avanços conquistados pelos movimentos sociais, movimento de mulheres e feministas, reforçam a emergência de que os estudos de gênero integre a formação de professores/as e auxilie para um ensino de história que problematize as desigualdades e violências.